

**A cultura vai à política: noções e conceitos acerca da revolução
na obra de Alejo Carpentier e Julio Cortázar.**

JOSÉ ANTONIO FERREIRA DA SILVA JÚNIOR*

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise sobre textos e ensaios críticos de Julio Cortázar (1914-1984) e Alejo Carpentier (1904-1980). Trata-se de uma pesquisa realizada durante os anos de 2009 e 2010 em nível de Iniciação Científica, financiada pelo programa PIBIC/CNPq. Este estudo suscitou questões e problemáticas que me levaram a desenvolver um projeto de mestrado na área de América Latina.

O que pretendo é expor algumas noções presentes nas obras destes dois intelectuais que me permitiram apontar algumas de suas concepções acerca da temática “revolução”, como eles idealizam um projeto transformador e a forma como esperam que tal processo ocorra. É importante ressaltar que essas concepções não são programas fixos destes autores, nem manifestos sobre o que é ou não é exatamente uma revolução. São temas gerais que estes autores insistem em abordar quando tratam desta temática, principalmente quando discutem a Revolução Cubana. A ideia aqui é fazer um exercício de análise da obra destes autores “mapeando” estes temas e as formas como estes intelectuais abordam as diversas questões envolvendo sua época e suas preocupações revolucionárias. A escolha destes dois literatos se deu baseada no fato de que suas vidas e obras são bastante ligadas ao processo revolucionário cubano.

Para Cortázar, escritor argentino que se auto-exila em Paris a partir de 1951, a Revolução Cubana tem um impacto muito grande em sua vida e, conseqüentemente, em sua obra. Em entrevista, Cortázar revela como foi o primeiro contato com Cuba após o triunfo de 1959: “[...] me bastó un mes ahí y ver, simplemente ver, nada más que dar la vuelta a la isla y mirar y hablar con la gente para comprender que estaba viviendo una experiencia extraordinaria, y eso me comprometió para siempre, con ellos y con el camino que luego fueron siguiendo” (*Apud SOLARES*, 2008: 102); posteriormente em uma conferência em Havana expõe que ao se envolver com o processo revolucionário, se dá conta do “vacío histórico en que había vivido hasta ese momento, totalmente

* Mestrando em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

sometido a una visión individualista del mundo y de la literatura” (*Apud* MONTANARO, 2001: 43).

Já Carpentier, escritor cubano, está engajado com a causa da transformação social desde sua juventude nas décadas de 1920 e 1930, o que lhe rende uma prisão e vários exílios até 1959 quando retorna a Cuba para participar ativamente da revolução. Carpentier afirma em uma conferência: “[...] poco me aparté de una trayectoria ideológica y política que ya se había afirmado em mí [...] por el año de 1925” (CARPENTIER, 1990: 136) e exalta, nesta mesma conferência, a Revolução Cubana como a realização dos anseios revolucionários dele e de seus companheiros que, lá nos anos 1920, assinaram um manifesto que lhes rendera a prisão sob acusação de conspiração comunista contra a ditadura de Gerardo Machado. O que fica claro ao longo desta conferência é que, ao contrário de Cortázar, Carpentier não despertou sua ação revolucionária com a revolução em Cuba, mas que tal processo lhe deu a oportunidade de trabalhar para a revolução já estabelecida, um espaço onde sua atividade intelectual fosse útil. A Revolução Cubana, então, atua sobre estes dois intelectuais fazendo-os se engajar com a causa revolucionária de uma vez por todas, numa militância que antes era marcada pela inércia de uma simpatia teórica no caso de Cortázar, e por uma falta de espaço de atuação institucional no caso de Carpentier.

Primeiramente, tomemos o caso de Julio Cortázar. O primeiro ponto que quero destacar é que o socialismo para este autor era um importante elemento em sua concepção sobre revolução, com a ressalva de que essa ideologia é uma convicção moral e ética antes de ser política; o socialismo, na visão de Cortázar, era o caminho lógico de uma sociedade que buscasse eliminar a desigualdade social e a miséria, seu compromisso era com o humano e eram seus valores morais e intelectuais que o faziam sentir-se um escritor de esquerda. Em uma entrevista em 1983, Cortázar lembra que, antes da Revolução Cubana, quando ainda vivia na Argentina, seu alinhamento com a esquerda se dava no plano da opinião pessoal, e que é o processo revolucionário cubano que põe fim a esta simpatia pela teoria política para iniciar uma vida de militância prática (PREGO, 1991: 118). No entanto, isso não tira a dimensão humana de sua

compreensão do socialismo. Em 1977, Cortázar afirma: “[...] o Socialismo como *plano de realidade* é o único caminho digno da história, ao passo que o capitalismo conduz ao que bem sabemos e vemos na América Latina *inter alia* (entre outras coisas)” (CORTÁZAR, 2001: 140).

Entre os textos da obra de Cortázar podemos encontrar também outras conceituações acerca da revolução. Uma noção importante é a que envolve a crítica à institucionalização dos processos revolucionários. Assim, segundo o autor, este seria o maior erro em que incorrem as revoluções porque perdem o dinamismo e a flexibilidade criativa que as caracterizam no momento de seu triunfo, ou seja, a abertura às novas ideias e o questionamento da ordem estabelecida, tão fomentados no princípio, se perdem. Segundo Cortázar, a institucionalização e a burocratização que estavam ocorrendo em Cuba conduziam a um enrijecimento das formas revolucionárias, o que se expressava na rigidez que a política cultural vinha tomando ao longo dos anos na ilha (STANDISH, 1997: 468). Esta crítica envolve o conceito de revolução lúdica, que é justamente essa dinamicidade e flexibilidade com que se iniciam os processos revolucionários. Cortázar ressalta a criatividade que o lúdico permite: “O homem que habita o mundo lúdico é um homem colocado dentro de um mundo combinatório, de invenção combinatória, que está continuamente criando formas novas” (PREGO, 1991: 126).

Para o autor, é importante essa constante criação, essa revisão de princípios e a reinvenção do processo revolucionário, que se renova para evitar sua superação. Sua crítica a Revolução Cubana visa atacar, principalmente, as limitações que encontrava entre os cubanos para discutir o homossexualismo e o feminismo. Cortázar criticava o regime revolucionário por manter discursos conservadores do sistema que ele destituiu:

“Uma das coisas que mais me choca na América Latina é o machismo. Até em países que fizeram a revolução, como Cuba, ele é um elemento negativo que terá de ser abandonado, por mais duro e difícil que seja, se o objetivo é o de se chegar a um homem novo. [...] O que conta é todo o trabalho interno de reflexão e de crítica das condutas revolucionárias” (BERMEJO, 2002: 108-9).

Estas noções se inserem numa concepção do autor de que a revolução deve ser total em uma sociedade: deve abarcar todos os âmbitos e esferas para que possa

promover transformações sociais, políticas, econômicas e culturais efetivas. E por isso a defesa da livre criação artística empreendida por Cortázar em toda sua obra crítica. Seguindo seu pensamento, uma literatura que não se limite a compromissos políticos, só trabalha a favor da revolução, enriquecendo culturalmente o homem. Para ele, a cultura deve revolucionar os indivíduos mentalmente e moralmente para que “[...] analisem com maiores *recursos mentais* as encruzilhadas e as opções [...], porque só assim daremos aos nossos povos as armas mentais, morais e estéticas sem as quais nenhum armamento físico garante uma libertação definitiva” (CORTÁZAR, 2001: 288. Grifo meu.).

Este tipo de discurso que defende a todo custo a liberdade criadora não é constante em Cortázar e está relacionado com o acirramento de debates em fins da década de 1960 e início da de 1970, onde cada vez mais intelectuais se posicionavam a favor de uma literatura mais assentada na realidade revolucionária da América Latina, mais direta e menos “alienante”¹. Por exemplo, em o *Livro de Manuel*, obra literária de 1973, Cortázar insere a temática revolucionária e a política, tentando aliar um discurso ao outro com vistas a difundir uma mensagem política entre seus leitores, mas sem que esse propósito empobreça seu conteúdo artístico.

É interessante apontar que as reprovações ao realismo socialista e a exaltação à literatura livre de compromissos tornam-se bem mais amenas no fim da vida de Cortázar. Já em princípios da década de 1980, no contexto da Revolução Nicaragüense, Cortázar defende que as discussões teóricas sobre o papel do intelectual e da arte na revolução estavam superadas. Como destaca Adriane Costa, neste contexto os textos de Cortázar defendem uma maior aproximação dos leitores com o escritor, que deveria buscar formas de contato que diminuíssem a distância entre sua obra e aqueles que ainda não podiam ser seus leitores.

Destoando do apego à livre criação como forma mais revolucionária da literatura, Cortázar, num contexto diferenciado e já distante dos primeiros debates que a Revolução Cubana havia suscitado, “[...] estava defendendo, de certa forma, que o escritor colocasse a criação literária a serviço de uma causa, ‘adequando-a’ à realidade do seu principal destinatário, o ‘povo’” (COSTA, 2009: 486). É importante observar a

¹ Cortázar participa de uma famosa polêmica sobre esse tema com Oscar Collazos e Mario Vargas Llosa, em 1970. Vide O. Collazos. *Literatura en la revolución y revolución en la literatura (polémica)*, México: Siglo XXI, 1970.

relação do discurso produzido com seu contexto. A decepção com os rumos que tomava a Revolução Cubana, no fim da década de 1970, leva Cortázar a encarar o triunfo da Frente Sandinista de Libertação Nacional na Nicarágua como a nova possibilidade de ver concretizadas suas esperanças revolucionárias, mudando também o tom de seu discurso.

Nos textos de Carpentier, uma concepção que está muito arraigada em seu discurso é a internacionalidade que processos revolucionários apresentam em nosso continente. Carpentier discute a América Latina em torno de uma unidade baseada na cultura e em questões que ele considera típicas da originalidade americana como a mestiçagem e uma tradição revolucionária que caracterizaria toda e qualquer resistência política já ocorrida no novo mundo.

Assim, em um documentário produzido para a televisão caribenha no ano de 1979, Carpentier dizia:

“Descobriu-se a América, e de repente, por uma série de circunstâncias que vocês já conhecem, nosso chão, e muito particularmente o chão do Caribe, foi palco da primeira simbiose, do primeiro encontro registrado na história entre três raças que, como tais, nunca se haviam encontrado. [...] trata-se, portanto, de uma monumental simbiose de três raças de extraordinária importância por sua riqueza e possibilidade de intercâmbios culturais, e que viria a criar uma civilização absolutamente original.” (CARPENTIER, 2006: 140).

O entusiasmo de Carpentier com a mestiçagem que não se limita ao Caribe e se estende por toda América, onde teria se processado a simbiose como o “mais sensacional encontro étnico que registram os anais de nosso planeta” (CARPENTIER, 1990: 133). Segundo Carpentier, foi justamente essa cultura resultante da soma das três raças que foi capaz de conquistar o primeiro plano no panorama da cultura mundial. É assim que Carpentier afirma a importância do *criollo* como elemento de compreensão da América Latina.

Em um texto de 1977, Carpentier destaca a contribuição do negro para a formação do *criollo* latino-americano porque os escravos africanos, ao serem trazidos

para a América, transportaram para esta dinâmica cultural que aqui acontecia, elementos da tradição cultural de seu continente. Assim, segundo Carpentier, a maior influência dos negros para a cultura, que se forma do encontro das três raças, é a rebeldia que ele desperta sob a opressão a que está submetido no continente. Carpentier afirma: “Já muito distante de qualquer raiz africana, o negro latino-americano tornou-se um elemento básico, constitutivo [...] desse *crioulo* que, com suas aspirações, lutas e rebeldias, haveria de marcar o destino histórico de todo um continente” (CARPENTIER, 2006: 128). E mais adiante, quando trata da chamada poesia negra:

“[...] uma voz acima de tudo revolucionária, se pensarmos que, desde o século XVI, o negro sempre esteve *sublevado* contra seu senhor em algum lugar do continente. [...] O negro latino-americano nunca se resignou a ser escravo. [...]

Em sua longa história americana, o negro nunca abdicou da idéia de Liberdade – idéia acalentada pelos *crioulos* de todas as classes e níveis que, depois de muita luta, livraram-se do jugo do colonialismo espanhol, português, francês e inglês.” (CARPENTIER, 2006: 130).

Como vemos, o discurso de Carpentier integra o “negro” nos processos históricos do continente. A rebeldia, esta característica da cultura latino-americana, segundo o autor, teria suas origens na ânsia do negro de libertar-se da escravidão e na luta constante que ele travou ao longo dos anos contra seus opressores. Assim, o *criollo*, investido desta cultura autenticamente americana, herda do negro a ideia de liberdade e a aplica contra o colonizador estrangeiro. Carpentier vai adiante nestas ideias: o negro “[...] será justamente o germe da ideia de independência. [...] Com o passar do tempo, será esse pária, esse homem relegado ao nível mais baixo da condição humana, que nos dotará com nada menos que o conceito de independência” (CARPENTIER, 2006: 141).

O que queremos ressaltar é a importância desse elemento no discurso de Carpentier: ele recorre ao negro em resistência contra o senhor branco para atribuir à América Latina toda, uma rebeldia própria. Aquela noção de uma revolução pan-americana a que referimos está assim sustentada. Para o autor, todos os processos de independência do continente estão ligados entre si por essa particularidade: são expressões de uma cultura rebelde, que em sua formação assimilou a insatisfação do negro. Ainda neste sentido, o autor afirma uma “revolução genérica” não só por todo o espaço geográfico do continente, mas que também é contínua e ininterrupta desde os

primórdios da colonização: “Nessa mesma terra onde principiou-se a colonização da América surge o conceito de descolonização. O princípio das guerras de independência, de descolonização, das guerras anticoloniais que se prolongarão até *nossos dias*” (CARPENTIER, 2006: 142).

Então, para Carpentier, a revolução latino-americana é dotada deste aspecto coletivo, aspecto que liga uma revolta de negros no século XVII à Revolução Cubana, em meados do século XX. Carpentier pensa a revolução na América a partir da unidade latino-americana e da importância de uma cultura comum aos países que dá sustentação a todos os movimentos de contestação.

Além desta característica pan-americana, a noção de Carpentier sobre uma revolução, é muito mais baseada em conceitos e idéias marxistas e socialistas que no caso de Cortázar. Enquanto, para o escritor argentino, o socialismo era uma simpatia, e serve como sistema que expressa as preocupações éticas e morais de um indivíduo minimamente preocupado com o próximo, para o escritor cubano esta ideologia é princípio que rege qualquer noção de transformação social. Quando triunfa a Revolução Cubana em 1959, Carpentier abandona a vida que construíra na Venezuela onde vivia por quatorze anos e oferece aos novos dirigentes seus serviços como intelectual. Carpentier passa a integrar o regime cubano a partir de sua estrutura política, ligado principalmente a instituições culturais: em 1960, torna-se diretor da *Imprenta Nacional*, o principal veículo oficial de publicações do Estado; órgão este que, em 1962, torna-se a *Editora Nacional* ainda sob sua direção. Carpentier passa por vários outros cargos neste âmbito até ser encarregado do cargo de conselheiro em assuntos culturais na embaixada cubana na França, em 1966 (FAGUNDES, 2008: 63-6).

Alguns trechos dos textos de Carpentier mostram como o marxismo estava arraigado em seu discurso revolucionário para a América Latina. Em uma palestra no ano de 1975, o autor afirma que a América Latina é:

“[...] el continente de la economía y del estudio de las estructuras sociales, de la lucha de clases, de los mecanismos de la lucha de clases a través de la historia, y del funcionamiento de todo aquello que queda tan admirablemente explicado y mostrado en un libro que no tendría ni que mencionar: ustedes han evocado su nombre. Ese continente historia es el de *El capital* de Marx [...]” (CARPENTIER, 1990: 156).

Assim, no pensamento de Carpentier, a história da América é, em si, ilustração da teoria que Marx desenvolve.

Por fim, podemos analisar a noção de Carpentier em torno do compromisso social do escritor para extrairmos daí uma leitura sobre sua relação com seu contexto e suas noções sobre as possibilidades de atuação do intelectual junto à realidade revolucionária. Para isto podemos analisar um texto seu, de 1967, intitulado “Papel social do romancista”. Neste texto, basicamente, Carpentier discute um tema que estava bastante presente nos encontros e conferências de artistas, escritores e intelectuais: qual a função da cultura e suas expressões num contexto revolucionário? E qual o papel que pode desempenhar o produtor deste tipo de linguagem cultural?

Em seu texto, Carpentier argumenta que o principal compromisso do escritor está em trabalhar sua linguagem em função da época em que vive. Por isso defende que o escritor compromissado deve tratar do mundo que o cerca, “criticá-lo, exaltá-lo, pintá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar-lhe, falar dele, mostrá-lo, mostrar nele o âmago, os erros, as grandezas e as misérias” (CARPENTIER, 1971: 143). Insiste também que o objetivo do romance é atingir sua época, existir em função da realidade em que é produzido, onde o romancista deve encontrar “uma causa de reflexão, uma fonte de ação, do que eu chamaria ação escrita” (CARPENTIER, 1971: 137). Aqui não podemos deixar de pensar em sua teoria do Realismo Maravilhoso, onde critica a invenção sem bases no contexto histórico do autor e defende uma literatura ligada à realidade, que em si já contém alterações milagrosas (CARPENTIER, 1971: 99-120). Mas é importante destacar este posicionamento, este apego a um realismo, distinto de Cortázar, no âmbito das discussões que se formavam sob a perspectiva da política cultural que se tornava mais rígida em Cuba, e que passou a condenar concepções estéticas “alienantes” e contra-revolucionárias, culminando no Caso Padilla em 1971. Marcelo Fagundes ressalta que isto está ligado à concepção de Carpentier da literatura como um instrumento de denúncia de desajustes sociais, relacionada a contextos reais (FAGUNDES, 2007: 7).

O alinhamento de Carpentier com a política oficial do regime é claro e, submeter a literatura às necessidades de um regime que firmava uma dominância cada vez mais intensa no meio cultural, não lhe parece uma limitação do campo cultural pela política. Afinal de contas, em sua concepção, o escritor deve representar seu tempo, seu mundo.

Falar da revolução, escrever sobre temas de denúncia social ou exaltar uma ou outra concepção em seus textos não é contraditório com a defesa que ele faz da literatura, porque esta deve estar inserida na realidade do autor. Fagundes esclarece as posições de Carpentier em relação ao tipo de discurso de que o regime cubano não realizava imposições sobre a esfera cultural:

“O posicionamento de Carpentier demonstra a sua crença de que, em Cuba, a política cultural não criou determinações estéticas ou impôs censuras à produção artística. Em outro momento, ele defendeu o posicionamento de Castro, afirmando que ele tinha razão e que a Revolução se encontrava ameaçada por todos os lados. *Portanto, os artistas deveriam tomar uma atitude ‘revolucionária’ exercendo uma dura crítica de maneira mais direta e construtiva*” (FAGUNDES, 2008: 71-72; grifo meu).

O posicionamento de Castro a que se refere Fagundes, diz respeito à crítica que Fidel fez em vários momentos (mas seu discurso “Palavras aos intelectuais” de 1961 é o exemplo mais famoso) aos intelectuais que demandavam maior liberdade de expressão. A frase que destacamos neste trecho é significativa do tipo de concessão que Carpentier estava disposto a fazer em nome da política: a literatura devia ser mais direta, ou seja, mais claramente relacionada com os objetivos revolucionários a que se propõe.

Estes dois intelectuais partem de uma posição genérica comum, o alinhamento com o pensamento esquerdista, mas, como se pode observar, suas ideias e noções chegam a divergir em questões mais delicadas. Uma primeira conclusão que se pode extrair é a importância que ganha a esfera cultural no discurso destes intelectuais quando partem para a discussão de assuntos e processos políticos da América Latina. Eles se inserem nos debates relacionados à revolução e às transformações sociais, tomando a cultura e suas expressões como princípio e fonte de análise e explicação política. Tendo este campo cultural como principal meio de atuação profissional junto à sociedade, é natural que o valorizem e que busquem aí um instrumental para a mudança no campo político, campo que concentra todas as esperanças e expectativas revolucionárias deste grupo social. Nossa ideia é que, assim, legitimam seu modo de ação política.

Outra conclusão importante desta pesquisa centra-se no que pode ser considerado o principal motivo de diferentes posições entre Carpentier e Cortázar. Trata-se da relação institucional que o primeiro trava com o poder político do regime revolucionário cubano. No fim das contas, Carpentier sai em defesa da primazia dos dirigentes políticos sobre os rumos da sociedade cubana. E é esta posição que define os diferentes posicionamentos entre os dois intelectuais aqui estudados: enquanto um defende a liberdade de expressão, o outro defende a linguagem ligada ao posicionamento político oficial; enquanto Cortázar mantém sua participação desde Paris e sem se alinhar claramente com partido ou ideologia que seja, Carpentier integra efetivamente a administração política e mantém lealdade ao poder político, mesmo que isso signifique concessões da esfera cultural. O historiador Marcelo Fagundes, em sua dissertação de mestrado, ressalta que nos textos de Carpentier, não aparecem críticas à política cubana e nem comentários sobre casos polêmicos que envolveram o regime. Sobre essa questão, Fagundes conclui: “Mas provoca-nos estranheza o fato de um escritor, com tamanha capacidade reflexiva, ter sido um incondicional defensor de um processo de transformação histórica tão complexo quanto a Revolução Cubana” (FAGUNDES, 2008: 78). A meu ver, a estranheza se esvai sob a perspectiva de que Carpentier era, antes de tudo, um socialista; foram seus princípios ideológicos e sua concepção utilitária da literatura, aliados à insatisfação com seu presente, que o lançou ao ofício de escritor, ao contrário de Cortázar, muito mais ligado a uma noção de literatura, que deve ser sim revolucionária e política, mas que é princípio antes dos compromissos políticos.

BIBLIOGRAFIA

BERMEJO, Ernesto. *Conversas com Cortázar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CARPENTIER, Alejo. *Ensayos*. México: Siglo Veintiuno, 1990.

_____. *Visão da América*. Rio de Janeiro: Martins Editora, 2006.

_____. *Literatura e consciência política na América Latina*. Lisboa: Dom Quixote, 1971.

CORTÁZAR, Julio. *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol. 3.

COSTA, Adriane A. Vidal. “Nicarágua na encruzilhada: Cortázar, Vargas Llosa e a experiência sandinista”. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro. Vol. 22, No. 44, jul-dez 2009. pp. 479-503. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2598/1551> , acessado em 13/04/2010.

FAGUNDES, Marcelo Gonzales Brasil. *Intenções literárias: política e história em Alejo Carpentier*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0333-D.pdf> , acessado em 13/04/2010.

_____. “Intenções literárias: Alejo Carpentier e a Revolução Cubana”. *XII Encontro Regional de História. ANPUH*. Rio de Janeiro, 2007, pp. 1-7. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Marcelo%20Gonzalez%20Brasil%20Fagundes.pdf> , acessado em 13/04/2010.

MONTANARO, Pablo. *Cortázar, de la experiencia histórica a la revolución*. Rosario: Homo Sapiens, 2001.

PREGO, O. *O fascínio das palavras: entrevistas com Julio Cortázar*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.

SOLARES, Ignacio. *Imagen de Julio Cortázar*. Buenos Aires: FCE, 2008.

STANDISH, Peter. “Los compromisos de Julio Cortázar”. *Hispania*. Vol. 80, No. 3, Set – 1997. pp 465-471. Michigan, EUA. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/345822> , acessado em 13/04/2010.